



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

TADEU CESILA, ROBSON

As Bucólicas de Virgílio e o epigrama 8.55 de Marcial: intertextualidade, mecenato e uma
recusatio implícita

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 24, núm. 1-2, 2011, pp. 113-128

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770892009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As *Bucólicas* de Virgílio e o epigrama 8.55 de Marcial: intertextualidade, mecenato e uma *recusatio* implícita

ROBSON TADEU CESILA
Universidade de São Paulo
Brasil

RESUMO. Este artigo analisa os fortes elementos intertextuais que relacionam o epigrama 55 do livro 8 de Marcial com as *Bucólicas* de Virgílio, especialmente as de número 1, 2 e 9. Incorporando esses elementos de forma e conteúdo trazidos dos poemas virgilianos, Marcial constrói, nesse habilidoso epigrama metapoético, uma “biografia” do poeta de Mântua muito útil na defesa da ideia da necessidade de apoio material aos escritores para o surgimento de grandes obras literárias; ao mesmo tempo, por meio de uma *recusatio* que fica implícita nos últimos versos do epigrama, Marcial aborda a questão dos gêneros poéticos e justifica, como em tantos outros passos de sua obra, a sua opção pela poesia ligeira.

PALAVRAS-CHAVE. Marcial; epigrama; Virgílio; *Bucólicas*; intertextualidade; mecenato; *recusatio*.

*Otia da nobis, sed qualia fecerat olim
Maecenas Flacco Vergilioque suo*
– Marcial, *Epigramas*, 1.107.3-4

Um tema que frequenta assiduamente a obra do epigramatista Marcial (c. 38 d.C. – c. 104) é a queixa a respeito das dificuldades da vida de poeta: a incômoda condição de “cliente”, a pouca valorização dessa “profissão” em relação a ocupações mundanas e servis (mais bem remuneradas e valorizadas, segundo ele), a falta de apoio material – e a avareza – dos patronos da época, e o prejuízo que as obrigações de cliente trariam à atividade poética. A lista de epigramas que tocam, com maior ou menos

Email: robson.cesila@ig.com.br

Professor de Língua e Literatura Latina na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DLCV/FFLCH/USP).

O presente artigo constitui a versão ampliada de texto apresentado sob a forma de comunicação no XVIII Congresso Nacional de Estudos Clássicos (Rio de Janeiro, 17-21 outubro de 2011). A participação no evento contou com financiamento da FAPESP.

ênfase, nesse tema, é extensa: 1.70 e 107; 3.4, 7, 14, 36, 38, 46 e 60; 5.16; 8.55; 9.73, 10.9, 58, 70, 74 e 76; 11.3, 24 e 108; e 12.68.

Em algumas dessas peças, Marcial compara o patronato de sua época àquele que existia na era de Augusto, quando ricas figuras políticas como Mecenas, Asínio Polião, Messala Corvino e o próprio imperador sustentavam artistas e escritores por meio de dinheiro, bens e presentes, proporcionando-lhes, segundo o epigramatista, o *otium* necessário (cf. 1.107.3) à criação artística e literária. Temos esse confronto com o passado nos epigramas 1.107, que cita Mecenas, Virgílio e Flaco (Horácio), 11.3, que cita Mecenas, e 12.3, que cita Mecenas, Marão (Virgílio), Flaco (Horácio) e Vário. Mas nenhum epigrama é mais exemplar, nesse sentido, do que 8.55, em que o epigramatista, por meio de uma série de alusões às *Bucólicas* de Virgílio, constrói uma divertida e tendenciosa biografia do poeta de Mântua, na qual atribui toda a grandeza e talento de Virgílio à proteção e patrocínio recebidos de Mecenas.¹ Vejamos:

<i>Temporibus nostris aetas cum cedat auorum creuerit et maior cum duce Roma suo, ingenium sacri miraris desse Maronis nec quemquam tanta bella sonare tuba. Sint Maecenates, non derunt, Flacce, Marones, Vergiliumque tibi uel tua rura dabunt.</i>	5
<i>Iugera perdiderat miserae uicina Cremonae flebat et abductas Tityrus aeger oues: risit Tuscus eques paupertatemque malignam reppulit et celeri iussit abire fuga.</i>	10
<i>“Accipe diuitias et uatum maximus esto; tu licet et nostrum” dixit “Alexin ames.” Adstabat domini mensis pulcherrimus ille marmorea fundens nigra Falerna manu, et libata dabat roseis carchesia labris quae poterant ipsum sollicitare louem. Excidit attonito pinguis Galatea poetae Thestylis et rubras messibus usta genas: protinus Italiam concepit et arma uirumque, qui modo uix Culicem fleuerat ore rudi.</i>	15
<i>Quid Varios Marsosque loquar ditataque uatum nomina, magnus erit quos numerare labor?</i>	20

¹ Cf. M. Citroni, ‘Marziale’ in Della Corte, F. (org.), *Enciclopedia Virgiliana* 3, Roma, Instituto dell’Enciclopedia Italiana, 396-400, 1987, p. 398. O presente artigo deve muitos dos intertextos aqui analisados a esse verbete de Citroni.

*Ergo ero Vergilius, si munera Maecenatis
des mihi? Vergilius non ero, Marsus ero.*

Nossa época supera a de nossos avós
e engrandeceu-se Roma com seu chefe,
mas te espanta que falte o gênio de um Marão
e alguém que as guerras soe em igual tuba.
Se houver Mecenas, Flaco, abundarão Marões, 5
e um Virgílio vão dar-te até teus campos.
Perdera as glebas perto da infeliz Cremona
Títiro, a grei roubada lamentando;
sorriu o cavaleiro etrusco e a má pobreza
repeliu e mandou fugir ligeira. 10
“Toma estas posses – disse – e sê o maior dos vates!
E até permito que ames meu Aléxis!”
(Lindíssimo, este à mesa do senhor servia,
mão marmórea a verter negro Falerno;
copos por róseos lábios provados lhe dava, 15
lábios que ao próprio Jove atraíam.)
Pasma, o poeta esqueceu a rude Galateia
e Téstilis de tez rubra das messes,
e logo a Itália e as armas e o varão compôs
quem rude a mosca a custo antes chorara. 20
Por que Vários e Marsos citar e dos ricos
vates os nomes, rol tão trabalhoso?
Serei, pois, um Virgílio, se os dons de Mecenas
me dás? Não um Virgílio, mas um Marso.²

Os dois dísticos iniciais promovem sutilmente o elogio do imperador da época de Marcial (cf. *cum duce ... suo*, 2): se a Roma do presente, governada por Domiciano, supera a Roma do passado (a Roma de Augusto, especialmente) e se tornou muito mais importante e imponente que ela, por que não há no presente um poeta tão grandioso quanto o que havia na era augustana? Por que não há na Roma hodierna um Virgílio que cante tão divinamente os feitos guerreiros (cf. *bella*, 4) da Roma de Domiciano, se esses são até superiores aos feitos de Augusto?³ A resposta é dada pelo próprio poeta, em dois versos provocadores e memoráveis: se ainda exis-

² A tradução, que usa dodecassílabos para o hexâmetro e decassílabos para o pentâmetro (sempre com a sexta sílaba forte, com acentuações secundárias variadas nas outras sílabas), é de nossa autoria.

³ Notem-se as aliterações e assonâncias desses quatro versos: ... *Aetas Cum Cedat Auorum* (1), *Creuerit ... Cum duCe* (2), *Miraris ... Maronis* (3), *TanTa ... Tuba* (4).

tissem pessoas como o Gaio Mecenas da áurea época augustana, haveria Virgílios aos montes, até mesmo em locais onde não se esperaria encontrá-los, isto é, entre os rústicos e deseducados camponeses.⁴ O dístico, de grande sonoridade, é enfático e sintetiza o pensamento, que o poeta desenvolverá no restante do poema, de que é necessário apoio material para que grandes obras venham a ser produzidas: notem-se as aliterações nasais dos nomes próprios *MaeceNates ... MaroNes* – que vêm, no hexâmetro, associados, demonstrando os dois pólos da relação de patronato – e as presentes em *Vergilium ... Vel e Tibi ... Tua ... dabunT*, no pentâmetro.⁵ Além disso, a solenidade e a gravidade proporcionadas pelo uso de espondeus em todos os pés do hexâmetro (com exceção, claro, do dátilo obrigatório do quinto pé) dão, a nosso ver, força de verdade incontestável à afirmação de que existirão Marões se existirem Mecenas; o esquema métrico-rítmico do pentâmetro dá continuidade a essa intensificação, mas, desta vez, com o uso exclusivo de dátilos, mesmo nas posições opcionais dos dois primeiros pés:

Sīnt Mãe/cēnā/tēs, nōn/ dērūnt,/ Flāccē, Mǎ/rōnēs,
Vērgilī/ūmqvē tī/bī/ uēl tūā/ rūā dǎ/būnt.⁶

Segue-se, então, a pequena estória contada por Marcial sobre a vida de Virgílio, estória essa baseada em interpretações biografistas das *Bucólicas* já correntes à época do epigramatista.⁷ O trecho todo (7-20) é repleto de ecos

⁴ Mas *tua rura* poderia também ser uma referência à própria origem rural de Virgílio, que nascera nas imediações rurais de Mântua, na Gália Cisalpina. Como aponta P. S. de Vasconcellos (*Efeitos Intertextuais na Eneida de Virgílio*, São Paulo, Humanitas, 2001, p. 20, n. 14), a origem rústica do poeta também é mencionada pelo personagem Evângelo das *Saturnais* de Macrônio (5.2.1), em trecho em que, criticando Virgílio, pergunta provocativo: *Vnde enim Veneto rusticis parentibus nato, inter siluas et frutices educto, uel leuis Graecarum notitia litterarum?* (“Pois como um vêneto, filho de pais camponeses, criado entre florestas e arbustos, poderia ter conhecimento, por mais vago fosse, das letras gregas?”). A tradução é de Vasconcellos (*ibid.*).

⁵ *Tua rura dabunt* pode ser evocação de *Buc.* 1.46: *Fortunate senex, ergo tua rura manebunt!* (“Velho feliz, pois teus campos permanecerão teus!”). Trata-se de uma fala de Melibeu a Títiro, que, ao contrário do primeiro, conseguiu conservar suas propriedades diante dos confiscos feitos por Otávio

⁶ O Flaco a quem o poeta se dirige é provavelmente o mesmo indivíduo que aparece em muitos outros epigramas (cf. 1.57 e 59, 4.42, 7.87, 8.45, 9.55 e 90, 10.48, 11.80 etc.), a partir dos quais se infere que era um rico cidadão e amigo de Marcial. Trata-se, segundo P. White (*The friends of Martial, Statius, and Pliny, and the dispersal of patronage*, HSPH 79, 265-300, 1975, p. 270), da segunda personalidade mais citada no *corpus* do poeta, atrás apenas do imperador Domiciano.

⁷ Citroni, p. 398.

das *Bucólicas*, mas, antes de apreciarmos mais detidamente esses intertextos, acompanhemos, em linhas gerais, o “enredo” construído por Marcial.

Virgílio, equiparado ao pastor Títiro, perdera suas terras, herança paterna, perto de Mântua, cidade vizinha de Cremona, na então Gália Cisalpina, norte da Itália (7). Junto das terras, perdera, obviamente, os rebanhos que nelas havia (8). Mas Mecenas (chamado o “etrusco cavaleiro”, por descender de uma família equestre de Arrécio, a moderna Arezzo, na Etrúria⁸) veio em socorro de Virgílio-Títiro e lhe forneceu bens materiais que lhe permitiriam o ócio necessário para se tornar o maior de todos os poetas (9-11). Também lhe ofereceu seu jovem escravo, o belo escanção Aléxis (12-16), com quem o poeta teria ficado de tal forma encantado que esquecera suas antigas paixões, a rude Galateia e Téstilis, de rosto afogueado e queimado devido ao trabalho na colheita (17-18). Só assim, com o apoio do patrono, fora possível, a quem há pouco compusera o *Culex*, obra menor, produzir a grande e eternamente admirada *Eneida* (19-20).

Na verdade, a sequência de fatos descrita por Marcial e as alusões feitas às éclogas virgilianas permitem a equiparação de Virgílio não só a Títiro – uma equação já presente, como lembra Citroni⁹, em Calpúrnio Sículo, imitador de Virgílio da época de Nero –, mas também a outros personagens das *Bucólicas*, como Melibeu, Menalcas e Córidon. As éclogas às quais Marcial alude mais fortemente são a 1, a 2 e a 9.

As de número 1 e 9 têm importância especial para nossa análise porque são justamente as duas da coleção virgiliana que têm por tema o confisco de terras da Gália Cisalpina e a sua distribuição, como prêmio, aos veteranos do exército de Otávio, após a vitória deste e de Marco Antônio, em 42 a.C., sobre as forças comandadas por Cássio e Bruto, assassinos de Júlio César. Na *Buc.* 1, dois pastores, Títiro e Melibeu, conversam sobre os confiscos, sendo que o primeiro, um velho escravo há pouco libertado, diz ter conservado suas terras graças à intervenção de “um deus”, com quem foi ter na cidade de Roma, e que é tradicionalmente identificado com Otávio, futuro imperador Augusto (1.6-10 e 40-5). Já Melibeu não teve a mesma sorte e terá de partir para outras paragens, pois suas terras foram distribuídas aos soldados (1.11-16 e 64-78). Na *Buc.* 9, os pastores Méris e Lícidas, a caminho da cidade, comentam sobre o confisco das terras de Menalcas, vizinho ou senhor de Méris, em favor dos veteranos de Otávio. Lícidas menciona o rumor de que Menalcas teria conservado suas poseses como paga por seu talento poético, fato que é desmentido por Méris

⁸ Cf. Hor. *Carm.* 1.20.5 e 3.16.20, e Prop. 4.8.1.

⁹ P. 398.

(9.2-16). Tanto este último como Menalcas e Lícidas são poetas, embora Lícidas não acredite em seu próprio talento (9. 32-6); assim, na metade final da égloga, Méris e Lícidas, enquanto caminham, vão declamando versos de Menalcas e do próprio Méris.

Marcial, nos versos 7-8 de seu epigrama, associa Títiro a Virgílio. Uma vez que a *Buc.* 1, como acabamos de ver, trata do confisco de terras dos colonos e traz, como o personagem que sofre essa sina, o pastor *Tityrus*, é evidente que o epigrama está dialogando intertextualmente com essa *Bucólica*. Porém, não devemos esquecer que o próprio Virgílio se intitula “Títiro” na *Buc.* 6, versos 4-6.¹⁰ Além disso, um pastor com o mesmo nome aparece em outras quatro églogas, ainda que com papel secundário (cf. *Buc.* 3.20 e 96, 5.12, 8.55 e 9.23-4). Pode-se dizer, portanto, que o epigrama também dialoga, de alguma forma, com essas outras *Bucólicas* em que há um pastor chamado Títiro.

Entretanto, como aponta Citroni¹¹, Marcial utilizou, em seu verso 7, palavras não da *Buc.* 1, mas da 9: *miseræ uicina Cremonae* retoma palavras de versos de Menalcas citados por Méris no verso 28 dessa égloga:

Moeris:

*Immo haec quae Varo, necdum perfectæ, canebat:
“Vare, tuom nomen, superet modo Mantua nobis,
Mantua uae miseræ nimium uicina Cremonae,
cantantes sublime ferent ad sidera cycni.”* (*Buc.* 9.26-9)

Méris:

Ou este que, incompleto, a Varo foi cantado:
"Varo, o renome teu, se Mântua mantivermos,
de Cremona infeliz, ah!, Mântua tão vizinha,
os cisnes cantarão sublime até os astros!"¹²

O Varo a quem os versos de Menalcas, reportados por Méris, são dedicados seria Públio Alfeno Varo, *consul suffectus* em 39 a.C. e integrante

¹⁰ E se associa a ele na *sphragis* das *Geórgicas* (4.559-66): Virgílio fala do ócio de que desfrutou em Nápoles quando compunha as *Bucólicas*, ócio que podemos associar com aquele de que desfrutava Títiro em *Buc.* 1.6 (*deus nobis haec otia fecit*). Além disso, Virgílio diz, no trecho das *Geórgicas*, que “compôs se divertindo” (*lusi*) as *Bucólicas* (*carmina qui lusi pastorum*, 565); Títiro, na *Buc.* 1, diz que um deus lhe permitiu “compor se divertindo” (*ludere*), em seu agreste cálamio, o que bem entendesse (*ludere quae uellem calamo permisit agresti*, 10). Agradeço ao prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos por essa observação.

¹¹ P. 398.

¹² Tradução de Raimundo Barbosa Nonato de Carvalho (Virgílio, *Bucólicas*, Belo Horizonte, Crisálida, 2005, p. 85).

da comissão responsável por confiscar as terras da Cisalpina a serem doadas aos veteranos¹³. Menalcas diz que o nome de Varo será immortalizado pela poesia, caso Mântua seja poupada das expropriações.

Note-se que, apesar de não retomar da bucólica o nome da cidade de Virgílio (*Mantua*) – a qual substitui pelo genérico *iugera* (“jeiras”, “glebas”)¹⁴ – nem *nimum*, intensificador de *uicina*, Marcial mantém as outras três palavras em sua forma idêntica.¹⁵ Duas delas, inclusive, ocupam, no hexâmetro de Marcial, a mesma posição em que se encontravam no hexâmetro virgiliano, formando o dátilo e o espondeu do quinto e sexto pés e deixando a sílaba *ui-* no espondeu do quarto pé:

Mântuã/ uãe mĩsẽ/rãe nĩmĩ/ũm uĩ/cĩnã Crẽ/mõnãe! (Virgílio)

Iũgẽrã/ pẽrdĩdẽ/rãt mĩsẽ/rãe uĩ/cĩnã Crẽ/mõnãe (Marcial)

Na verdade, não há grande diferença de sentido nesses versos, uma vez que *Mantua* é usada metonimicamente para designar as terras que teriam sido perdidas por Virgílio-Menalcas, possivelmente uma herança paterna, dado que essa cidade era a terra natal do poeta. *Mantua* equivale, portanto, a *iugera*. Quanto à adjetivação de Cremona como “miserá”, “infeliz” (*miserae*), deve-se ao fato de que também sofrera com as expropriações, a exemplo de grande parte da Gália Cisalpina.¹⁶

Então, manipulando com certa liberdade o material imitado, Marcial equipara Virgílio, a um só tempo, a Títiro – através da menção direta e explícita de seu nome e da retomada da situação de confisco de terras presente na *Buc.* 1 – e a Menalcas – pela retomada do material verbal da *Buc.* 9 e da mesma situação de confisco de terras, sofrida por Menalcas nessa écloga.¹⁷

¹³ E. Badian e T. Honoré, ³OCD, s.v. *Alfenus Varus, Publius*, p. 63.

¹⁴ Mais precisamente, a *jeira* (*iugerum*) era, entre os romanos, uma medida de área, usada sobretudo nas medições agrárias. Corresponhia à quantidade de terreno que poderia ser arada por uma junta de bois no espaço de um dia de trabalho (cf. J. E. Sandys (ed.), *A Companion to Latin Studies*, Cambridge, Cambridge University Press, ³1943, p. 438).

¹⁵ Não se pode negar, porém, que as substituições operadas enfraquecem o efeito intensificador proporcionado pela profusão de nasais do verso virgiliano, nasalidade essa tão adequada ao tom lamentoso do verso: *MaNtua uae Miserae NiMiu uiciNa CreMoNae*.

¹⁶ Élio Donato, comentador de Virgílio que viveu no século IV de nossa era, diz, no prefácio às *Bucólicas*, que inicialmente só o território de Cremona fora expropriado; porém, como ele não fora suficiente para a distribuição aos veteranos, as terras de Mântua também foram confiscadas (*apud* Della Corte, F. (org.), *Enciclopedia Virgiliana* 5**, p. 439).

¹⁷ Marcial não usa, como se vê, o nome “Menalcas” da *Buc.* 9, mas apenas associa versos desse personagem ao Títiro da *Buc.* 1. Títiro e Menalcas, das duas bucólicas, são fundidos

Mas tornemos a equação um pouco mais complexa. Os mesmos dois versos de Marcial que estamos observando permitem uma terceira associação com um personagem das *Bucólicas*.¹⁸ O epigramatista diz, no verso 8, que Títiro lamentava, triste (*aeger*), o fato de suas ovelhas lhe terem sido arrebatadas (*flebat ... abductas ... oues*). Na *Buc.* 1, é Melibeu quem está triste (*aeger*, 13), pois, ao contrário de Títiro, que tivera o auxílio de “um deus”, Melibeu perdera suas terras, e está levando o rebanho para outras paragens:

Meliboeus:

*Non equidem inuideo, miror magis: undique totis
usque adeo turbatur agris! En ipse capellas
protinus aeger ago; hanc etiam uix, Tityre, duco:
hic inter densas corylos modo namque gemellos,
spem gregis, a! silice in nuda connixa reliquit.* (*Buc.* 1.11-15)

Melibeu:

Não te invejo, porém, me espanto: em toda parte,
o campo é perturbado! Eu mesmo as minhas cabras
triste tanjo; esta, a custo, ó Títiro, conduzo:
ainda agora, sob densa avelaíra, gêmeos,
esperança da grei, pariu na pedra nua.¹⁹

Apesar da substituição de *capellas* (v. 12 de Virgílio) por *oues* (v. 8 do epigrama) e da ligeira diferença de sentido nos dois trechos (Melibeu, na écloga, parece ter perdido apenas suas terras, não seu rebanho, que está levando para outras paragens; Títiro, no epigrama, perdeu tanto suas terras quanto suas ovelhas), ambos os personagens sofreram alguma perda e estão tristes, *aeger*. Outros marcadores da alusão nas passagens confrontadas podem ser o participio *abductas* de Marcial (8), que evoca o verbo cognato *duco* do verso 13 da *Bucólica*²⁰; o uso do nome próprio nos dois versos (*Tityre* em Virgílio, *Tityrus* em Marcial); e a assonância inicial do /a/ em *Abductas ... Aeger* (v. 8 do epigrama), que evoca o mesmo efeito sonoro presente em *Aeger Ago* do verso 13 de Virgílio.

pelo epigramatista num só personagem, nomeado como “Títiro”. Mas vale ressaltar que o nome Menalcas surge também nas *Bucólicas* 2, 3, 5 e 10, embora não se trate, em nenhuma delas, do tema da expropriação de terras. Nos poemas 3 e 5, Menalcas é um dos poetas-pastores envolvidos no certame amebeu que estrutura as duas éclogas. Nos outros dois poemas, 2 e 10, Menalcas é um jovem pastor e personagem secundário, apenas mencionado.

¹⁸ Cf. Citroni, p. 398.

¹⁹ Tradução de Raimundo Barbosa Nonato de Carvalho (p. 13).

²⁰ Cf. também *Buc.* 2.41-3: *capreoli ... abducere*.

Assim, ao aplicar a Títiro elementos que, na *Buc.* 1, dizem respeito a Melibeus, Marcial funde num só esses dois personagens virgilianos; consequentemente, se retomarmos o que dissemos acima sobre a fórmula na qual o próprio Virgílio é equiparado a Títiro e a Menalcas, a equação construída pelo epigramatista é agora tripla: Virgílio = Títiro + Menalcas + Melibeus.²¹

Prossigamos a análise dos outros versos de Marcial. Mecenas, o cavaleiro etrusco, ri bondosamente e manda embora a maligna pobreza que afligira Virgílio-Títiro após a perda de suas terras e rebanhos (8.9-10). Oferece-lhe então riquezas (11), além de seu belo escravo Aléxis, agradável consolo ao poeta-pastor entristecido (12). Aqui, uma terceira *Bucólica* entra em cena, a *Buc.* 2, na qual o pastor Córidon arde de amor pelo belo adolescente Aléxis e é por ele desprezado. Marcial parece ter se inspirado já nos primeiros versos da écloga:

***Buc.* 2.1-2**

*Formosum pastor Corydon ardebat Alexim,
delicias domini: nec, quid speraret habebat.*

Córidon, um pastor, pelo formoso Aléxis,
delícias do seu dono, em desespero ardia-se.²²

Note-se que o *pulcherrimus* (v. 12 de Marcial) retoma semanticamente o *formosum* de Virgílio e que ambos os poetas destacam que o escravo pertencia ao senhor (*domini*) do pastor. Percebe-se que *domini*, do verso 2 de Virgílio, é retomado sem alteração por Marcial (13), que o utiliza no mesmo caso (genitivo) e na mesma posição do verso, formando o dátilo do segundo pé e metade do espondeu do terceiro:

dēlīcī/ās dōmī/nī: nēc,/ quīd spē/rārē, hā/bēbāt. (Virgílio)

Ādstā/bāt dōmī/nī mēn/sīs pūl/chērrīmūs/ īllē. (Marcial)

²¹ Lembremos ainda que um pastor de nome Melibeus surge em outras três *Bucólicas* (3, 5 e 7); porém, como Marcial, a exemplo do que fizera com a figura de Menalcas, não utiliza o nome “Melibeus”, mas sim, atribui as características deste a Títiro, não vale a pena nos determos sobre esses três poemas. Basta mencionar que, nas *Buc.* 3 e 5, Melibeus é um pastor e figura secundária. Na *Buc.* 7, o personagem é um pastor que presencia uma competição poética entre Córidon e Tírsis. Em nenhuma das três éclogas está presente o tema do confisco de terras dos colonos.

²² Tradução de Raimundo Barbosa Nonato de Carvalho.

A extrema brancura da pele de Aléxis é outro dado retomado pelo epigramatista, que nos apresenta, no verso 14, o jovem escravo a servir à mesa de seu senhor, enchendo os copos com sua mão branca como o mármore (*marmorea*). Veja-se este trecho da mesma *Bucólica*, em que Córidon questiona a si mesmo sobre se vale a pena o amor de tão esquivo jovem:

*Nonne fuit satius tristis Amaryllidis iras
atque superba pati fastidia? nonne Menalcam,
quamuis ille niger, quamuis tu candidus esses?* (*Buc.* 2.14-16)

Melhor não era, ira amara de Amarílis,
seu soberbo desdém, sofrer? Ou de Menalcas,
embora ele seja um negro, e tu tão branco?²³

Virgílio contrasta (16) a brancura (*candidus*) de Aléxis com a morenidade (*niger*) de Menalcas (aqui, este nome designa um outro adolescente). Marcial mantém a característica alva de Aléxis, mas constrói o contraste não com outro adolescente, mas sim com o vinho Falerno que está sendo servido pelo escanção: se a sua mão é *marmorea*, o vinho é *niger* (14).²⁴

O que se tira dessa breve análise das alusões de Marcial à *Buc.* 2 é que o epigramatista, embora de novo atribua a Títilo um elemento que diz respeito a outro personagem das *Bucólicas* (a saber, atribui a Títilo a paixão que Córidon tinha por Aléxis), está agora equiparando Virgílio a

²³ Idem.

²⁴ Contribuem para reforçar o contraste a colocação, nas extremidades do verso, de cada uma das palavras do sintagma *marmorea manu*, e as evidentes aliterações em /m/ (*Mar-Morea ... Manu*), /n/ (*fuNdeNs Nigra falerNa maNu*) e /f/ (*Fundens ... Falerna*). As próximas líquidas (*maRmoRea ... nigRa faleRna*), que continuarão nos versos 15-16 (*Libata ... carChesia LabRis/ quae poteRant ipsum soLLicitaRe louem*) contribuem na criação de um clima de amenidade e brandura adequado a versos que falam de um jovem escravo objeto de paixão amorosa. No verso 14 do epigrama, é interessante a própria disposição dos termos possuidores de aliteração inicial: o sintagma *marmorea manu* “envolve” *fundens nigra Falerna*, representando graficamente a ideia das brancas mãos do escravo a segurar, envolver os recipientes de vinho Falerno; *fundens Falerna*, por sua vez, “envolve” o adjetivo *nigra*. Poderíamos representar a disposição desse verso com o seguinte esquema: ABCBA. Observem-se também os efeitos da disposição das palavras no verso 15: *roseis ... labris* “envolvem” *carchesia*, como se se criasse a imagem, no desenho gráfico do verso, dos dois lábios do escravo (representados pelas palavras *roseis* e *labris*, separadas) a provar os copos (*carchesia*) de vinho antes de servir a seu senhor. O *carchesium* era um vaso de beber, provido de asas, que, mais largo embaixo, ia se estreitando em direção à parte superior (“*OLD*, s.v. *carchesium*, 1, p. 276).

Córidon²⁵, e aí chegamos ao último termo de nossa equação: para Marcial, Virgílio = Títiro + Menalcas + Melibeu + Córidon.

Ainda sobre a *Buc.* 2 e as figuras de Córidon e Aléxis, importa lembrar que, em Virgílio, o segundo não é apresentado, em momento algum, como escanção, como ocorre em Marcial. Tanto nesta como nas outras duas *Bucólicas* que citam Aléxis, este é apenas o jovem escravo por quem Córidon é apaixonado (cf. *Buc.* 5.86 e 7.53-6).²⁶ O texto de Marcial é, segundo Citroni, a mais antiga fonte que confere ao escravo Aléxis das *Bucólicas* o papel de escanção (as outras referências, posteriores, teriam por fonte o próprio epigrama), além de ser o primeiro texto que traz o dado de que o escravo teria sido um presente dado a Virgílio por um de seus patronos (para Marcial, Mecenas; para todos os outros comentadores, Asínio Polião).²⁷ Mas a leitura biografista das *Bucólicas* que identificava Córidon a Virgílio, e Aléxis ao escravo que teria sido dado de presente ao poeta, já gozava de crédito à época do epigramatista e seria mesmo anterior a ele.²⁸

O papel de escanção que Marcial confere a Aléxis e a afirmação, do verso 16, de que o escravo era tão belo que poderia seduzir o próprio Júpiter também nos permitem identificar, na passagem, uma alusão a um passo homérico. Na *Iliada*, 20.199-258, Eneias, prestes a se bater com Aquiles, descreeve a descendência da casa de Dárdano, de que o herói troiano era originário. Nos versos 230-5, menciona Ganimedes, um dos três filhos de Trós:

Τρῶα δ' Ἐριχθόνιος τέκετο Τρώεσσιν ἄνακτα·
 Τρῳῆς δ' αὖ τρεῖς παῖδες ἀμύμονες ἐξεγένοντο
 ἧλός τ' Ἀσσάρακός τε καὶ ἀντίθεος Γανυμήδης,
 ὃς δὴ κάλλιπτος γένετο θνητῶν ἀνθρώπων·
 τὸν καὶ ἀνηρεῖψαντο θεοὶ Διὶ οἰνοχοεῦειν
 κάλλεος εἵνεκα οἷο ἵν' ἀθανάτοισι μετείη.

²⁵ Interpretação biografista que já gozava de crédito, segundo Citroni (p. 398), à época de Marcial.

²⁶ Sendo a função de escanção estranha ao cenário campestre do gênero bucólico, o *puer*, nesse tipo de poesia, embora tenha a função de amante, não pode ter a de escanção. Diferentemente, na poesia amorosa de cenário urbano (seja ela lírica, elegíaca ou epigramática), o *puer* ministra o vinho aos convivas e ao amante. Devo essa observação ao prof. João Angelo Oliva Neto, a quem agradeço.

²⁷ Citroni, p. 398.

²⁸ Id. *Ibid.*. Acrescentemos que, no *corpus* de Marcial, Aléxis surge em outros cinco poemas. Em 5.16 e 8.73, há novamente referência ao fato de o escravo ser amante de Virgílio e de ter sido doado ao poeta por um de seus protetores; em 7.29, há apenas a menção a Aléxis como escravo e amante de Virgílio, sem outras informações; em 6.68 e 8.63, Aléxis surge, genericamente, como um nome típico de escravo amado por poetas, mas, ainda assim, pode-se reconhecer a alusão ao personagem das *Bucólicas*.

(...) Erictônio gerou Trós,
 rei dos Tróicos, que teve três filhos imáculos,
 Ilo, Assáraco e – par-dos-deuses – Ganimedes,
 que foi, entre os mortais, o mais belo: os Celestes
 o raptaram, a fim de que, por sua beleza,
 servisse o vinho a Zeus, restando entre os eternos.²⁹

Ganimedes, na mitologia grega, era de tão incrível beleza que teria capturado o pai dos deuses, o qual, sob a forma de uma águia, o teria raptado e levado para o Olimpo, onde fizera do jovem seu amante e escanção. Marcial, embora sem nomear Ganimedes, iguala à beleza deste a de Aléxis, dizendo que o belo escravo dado a Virgílio também poderia seduzir o próprio Júpiter. O Ganimedes homérico é, aliás, o paradigma, na tradição mítico-literária, do jovem escanção de grande beleza.

Nos versos 17-18, o epigramatista diz que Títiro-Virgílio, encantado com a beleza de Aléxis, esqueceu suas paixões femininas, Galateia e Téstilis. A primeira é qualificada, no epigrama, como *pinguis*, “rude”, “grosseira” (também poderia significar “gorda”, “bem nutrida”), termo comum nas *Bucólicas*, mas nunca aplicado, nesses poemas, a seres humanos. Galateia é personagem de duas das éclogas (cf. 1.30-1 e 3.64-5 e 72-3), sendo que em ambas ela é uma jovem, amante de Títiro na *Buc.* 1 e de Dametas na *Buc.* 3.³⁰

Quanto a Téstilis, é personagem da *Buc.* 2, e aqui os intertextos se mostram um pouco mais ricos. Construindo, nessa *Bucólica*, uma interessante atmosfera que associa o calor do dia e o calor da paixão, Virgílio nos apresenta o pastor Córidon a sofrer pelo amor não correspondido do belo escravo Aléxis; enquanto tudo ao redor busca a calma, o frescor e o repouso, o infeliz enamorado anda sob o sol ardente em busca do cruel adolescente:

Buc. 2.6-13

*“O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas?
 Nil nostri miserere? mori me denique coges.
 Nunc etiam pecudes umbras et frigora captant;
 nunc uiridis etiam occultant spineta lacertos.
 Thestylis et rapido fessis messoribus aestu
 alia serpullumque herbas contundit olentis.
 At mecum raucis, tua dum uestigia lustró,
 sole sub ardenti resonant arbusta cicadis.”*

²⁹ Tradução de H. de Campos (*Iliada de Homero* 2, São Paulo, Arx, 2002, p. 305).

³⁰ Em *Buc.* 8.37 e 9.39, não se trata de pastora, mas da ninfa Galateia, personagem mitológica.

“Não escutas, cruel Aléxis, os meus cantos?
 Não tens pena de mim? Me forças a morrer.
 Agora o gado goza o frescor de uma sombra;
 agora o espinhal verde lagarto oculta,
 e Téstiles prepara, para os ceifeiros exaustos
 pelo estio voraz, alho e serpilha olentes.
 Mas, enquanto persigo o teu rastro, cigarras
 roucas, sob sol ardente, em arbustos ressoam.”³¹

Téstilis, como se vê, surge no verso 10³², a preparar unguentos para mitigar os efeitos do calor ardente sobre os exaustos ceifadores, os trabalhadores da colheita (*messores*). Não é difícil ver que *messibus*, em Marcial, evoca o *messoribus* de Virgílio, e que, a exemplo deste, aquele também iniciou seu verso com *Thestylis et*. Mantém-se igualmente uma certa aliteração em sibilante (*TheStyliS et rapido feSSiS meSSoribuS aeStu* em Virgílio; *TheStyliS et rubraS meSSibuS uSta genaS*, em Marcial). Nota-se que, apesar dos versos conterem informações diferentes, a ambientação quente, de excessivo calor, existente nos versos virgilianos, é retomada no verso 18 do epigrama pela caracterização da personagem como “queimada (*usta*), nas faces afogueadas (*rubras ... genas*), (devido ao trabalho) nas messes (*messibus*)”. No epigrama de Marcial, a morenice de Tétilis contrasta com a alvura de Aléxis, assim como o ambiente rústico, campestre e abafado da *Buc. 2*, no qual se encontra a personagem Tétilis, contrasta com a ambientação “fresca” e algo urbana do cenário de banquete do epigrama, em que o jovem escravo serve o vinho a seu senhor.

Uma vez provido de ajuda material e agraciado com o amor de Aléxis, ambas as graças concedidas, segundo Marcial, pelo patrono Mecenas, Virgílio-Tíro pudera então elevar seu tom e produzir uma obra muito mais grandiosa e importante (19) que o descurado (cf. *ore rudi*) e rasteiro *Culex*, composto pouco tempo antes (*modo*, 20).³³ Surgiu assim a *Eneida*, referida com *Italiam* (provavelmente porque é essa terra que o protago-

³¹ Tradução de Raimundo Barbosa Nonato de Carvalho.

³² Cf. também v. 43.

³³ Atribuído a Virgílio, junto de outros poemas, na coleção intitulada *Appendix Vergiliana*, o *Culex* teria sido escrito, segundo os comentadores antigos, na juventude do poeta. O enredo mostra um mosquito que pica um pastor para alertá-lo e salvá-lo de uma serpente que está prestes a dar seu bote. O pastor, no entanto, mata o inseto, cuja alma volta do Hades para recriminar-lhe a ingratidão (cf. A. Schiesaro, *OCD*, s.v. *Appendix Vergiliana*, p. 129-130). O verbo *fleuerat*, “chorara” (20), refere-se à morte do mosquito, “chorada” em versos pelo poeta mantuano. Marcial, como se vê no poema que estamos analisando e em *Apoph.* 185, atribui sem problemas o poemeto a Virgílio (cf. também Estácio, *Silv.* 1 pref. e 2.7.74).

nista Eneias, no poema, busca alcançar, além de ser o vocábulo que inicia o segundo verso da *Eneida*) e com as duas primeiras palavras da epopeia, *arma uirumque* (19). A oposição presente nos advérbios *uix/protinus* é aí significativa: o deselegante *Culex* foi composto a duras penas (*uix*), pois o autor não tinha ainda recebido os benefícios do patrono; já a sublime *Eneida* nasceu rapidamente (*protinus*), pois o poeta já contava, então, com o apoio de Mecenas.

Segundo Izaak³⁴, há quem interprete *Italiam* não como a *Eneida*, mas como as *Geórgicas* (*Italiam* equivaleria, então, ao poema sobre os assuntos relacionados à *terra* da Itália). Assim, Virgílio teria deixado de lado os gêneros “lusórios” de poesia – *Bucólicas*, representadas pelas personagens femininas que Virgílio-Títo “esquece” (*excidit*) nos versos 17-18, e *Culex* – para praticar gêneros mais elevados – poesia didática e poesia épica.³⁵ Nós, porém, preferimos a primeira interpretação (é o que acaba fazendo também Izaak), na qual *Italiam* se refere à *Eneida*, pois os seis versos iniciais e os dois finais do poema parecem tornar essa leitura mais adequada, como veremos a seguir.

No dístico 21-2, Marcial diz não ser necessário ficar enumerando todos os outros poetas felizardos (cf. *ditata*) – englobados nos plurais generalizantes *Varios Marsosque* – que receberam apoio de Mecenas e puderam, por isso, praticar tranquilamente sua poesia.³⁶ Só o exemplo do grande Virgílio fala por todos. Mas o epigramatista faz, quanto a si próprio, a jocosa ressalva: se receber de um protetor³⁷ os mesmos benefícios que Mecenas dera a Virgílio e aos outros poetas de seu círculo, não será um Virgílio, mas um Marso. Ou seja, não será um grande poeta épico, mas um épico medíocre (sabemos, por 4.29.8, que a *Amazonis* de Domício Marso não era muito apreciada por Marcial).

³⁴ Martial, *Épigrammes* 2, texte établi et traduit par H. J. Izaak, Paris, Les Belles Lettres, 1933, p. 22, n. 11.

³⁵ Id., *ibid*.

³⁶ Os poetas Vário Rufo e Domício Marso faziam parte do círculo de Mecenas. O primeiro era amigo de Virgílio e de Horácio e teria composto uma tragédia intitulada *Thyestes*, além de ter sido, segundo a tradição, quem preparou a *Eneida* para a publicação, após a morte do poeta mantuano (cf. *OCD*, s.v. *Varius Rufus*, p. 1581). O segundo era autor de epigramas satíricos, que teria reunido numa coletânea intitulada *Cicuta* (id.: s.v. *Domitius Marsus*, p. 493.), o que explica o fato de sempre ser citado por Marcial como um de seus principais modelos (cf. 1 pref. §4, 2.71 e 77, 5.5, 7.99). No epigrama 7.29, Marso também nos é apresentado como escritor de elegias, e, em 4.29, como poeta épico, autor de uma extensa *Amazonis*.

³⁷ Talvez o próprio Flaco a quem está se dirigindo (cf. v. 5). Mas cremos que a segunda pessoa em *des* (v. 24) seja mais bem interpretada como um “tu” genérico.

A nosso ver, existe, nos versos finais do epigrama, uma *recusatio*, ainda que implícita, do cultivo da poesia épica (o que explica nossa preferência por interpretar *Italiam* como a *Eneida*): mesmo que recebesse os mesmos dons que o grande Virgílio recebeu, Marcial seria no máximo um mau poeta épico (como Marso), já que a sua especialidade é outra, a poesia epigramática. Ou, numa interpretação ligeiramente diferente: mesmo que recebesse os mesmos benefícios recebidos por Virgílio, Marcial não seria, tal qual este último, um *poeta épico*, mas um *poeta de epigramas* como Domício Marso, que, conforme acabamos de frisar em nota, é citado frequentemente, pelo poeta de Bîlbilis, como um de seus principais modelos no gênero epigramático. Nessa segunda interpretação, a referência a Marso seria, evidentemente, positiva: Marcial, com o auxílio recebido, seria, como Marso, um bom poeta de epigramas. Mas, independentemente de qual das duas leituras se adote³⁸, o que se tem, em suma, é a recusa de Marcial em cultivar a poesia épica, na qual não se sairia bem mesmo que gozasse do mesmo apoio recebido pelo grande poeta épico da literatura latina. Apesar de os feitos bélicos da época e do principado de Domiciano serem, segundo o epigramatista, superiores aos da era de Augusto (cf. 1-2) e de merecerem um vate que os celebre tão extraordinariamente quanto fizera Virgílio na Roma augustana (3-4), não será ele, Marcial, quem cantará a grandeza da Roma do presente, pois, sendo um poeta de *epigramas*, não tem talento e inspiração para tão importante e sublime tarefa.³⁹

Mas voltemos às *Bucólicas* para resumirmos nossas conclusões, já anunciadas aqui e ali. Quais efeitos de sentido os vários intertextos com as églogas virgilianas, os quais identificamos nas páginas anteriores, trazem para a leitura do epigrama de Marcial?

O principal efeito de leitura, a nosso ver, é a construção, por meio desses intertextos, de uma “biografia” de Virgílio segundo a qual toda a grandiosidade de sua poesia se deveu ao apoio recebido de seu patrono. Marcial, então, usa o exemplo de Marão para provar a tese de que tal apoio é imprescindível no surgimento de grandes obras literárias, bem como para criticar a decadência do mecenato no final do século I d.C.

³⁸ Aliás, pode-se mesmo adotar simultaneamente as duas: Marcial se tornaria um Marso por ser, a um só tempo, mau poeta épico e bom poeta epigramático.

³⁹ No *corpus* de Marcial, muitos outros epigramas tematizam a oposição poesia epigramática vs. poesia épica, ou, de forma mais geral, gêneros “baixos” vs. gêneros “elevados”. Alguns desses poemas se constituem em *recusationes*, por vezes explícitas, por vezes implícitas, como no epigrama que acabamos de analisar. Cf. *Apoph.* 1 e 185; 4.14 e 49; 5.30; 8.3; 9.50 e 90; 10.4, 35.1-9 e 64; e 12.94.

No enredo da vida de Virgílio tendenciosamente construído, dados biográficos são extraídos, alusivamente, das *Bucólicas* 1, 2 e 9 (sem se desprezar as alusões menos diretas, por meio da reutilização de nomes próprios, às outras éclogas), promovendo a fusão de quatro figuras bucólicas – Títiro, Menalcas, Melibeu e Córidon – num único personagem, nomeado “Títiro” no epigrama e identificado com o próprio poeta Virgílio. A fusão mostra a liberdade com que o material emprestado é usado no novo contexto: não há preocupação com o pertencimento de cada elemento ou característica a cada um dos quatro personagens de Virgílio; o que interessa a Marcial é usar todos esses elementos, livremente, para criar a imagem de um pastor expropriado de suas terras que foi ajudado materialmente por um protetor e pôde, consequentemente, cultivar sua musa e compor uma grande obra-prima.

O leve humor presente na *recusatio* do dístico final do epigrama também deve algo à biografia virgiliana forjada por Marcial através das alusões às *Bucólicas*. Segundo o epigramatista, a biografia construída e o *exemplum* virgiliano poderiam levar a concluir (cf. *ergo*, 23) que ele, Marcial, se tornaria tão bom quanto Virgílio, caso recebesse os *munera Maecenatis* (“os benefícios de Mecenas”). Afinal, de acordo com a relação de causa e consequência construída, Virgílio-Títiro só teria se tornado um grande poeta graças a esses benefícios. O próprio Marcial, entretanto, se apressa em corrigir, jocosa e modestamente, a conclusão: ele jamais seria um Virgílio, mas apenas um Marso, um mau poeta épico, ou, ainda, nem seria um poeta de tal gênero, já que cultivava musas mais ligeiras. O que não o impede de desejar para si o mesmo tipo de patrocínio de que gozara Marão e os outros escritores do círculo de Mecenas. Todos os poetas, de todos os gêneros de poesia, necessitam, para o pleno desenvolvimento de sua atividade criativa, do *otium* “que Mecenas concedera outrora a Flaco e ao seu Virgílio”.

TITLE. Virgil's *Eclogues* and Martial 8.55: intertextuality, patronage and an implicit *recusatio*

ABSTRACT. This paper analyzes the strong intertextual elements that relate Martial's epigram 8.55 to the Virgil *Eclogues*, especially *Eclogues* 1, 2 and 9. By incorporating these elements of form and content borrowed from Virgilian poems, Martial builds, in this ingenious metapoetic epigram, a “biography” of the poet from Mantua very useful in defending the idea that material support is necessary for writers to produce great works of literature; at the same time, through a *recusatio* which is implicit in the last lines of the epigram, Martial addresses the issue of the poetic genres and justifies, as in many other passages of his work, his choice of slight poetry.

KEYWORDS. Martial; epigram; Virgil; *Eclogues*; intertextuality; patronage; *recusatio*.